

**Alexandre Herculano (1810-1877), obra literária:***Eurico, o presbítero* – 1844*O monge de Cister ou a época de D. João* - 1848*Lendas e narrativas* – 1851*O bobo* – 1878 [*Panorama* 1843]*O bobo* – único romance póstumo

Hipótese: Único romance em que a possibilidade de se reconstruir a história é posta em questão

Nós, leitores, sabemos o *lado oculto* de tudo isso que nos é narrado. Mas não o sabem os contemporâneos dos acontecimentos – como o narrador se preocupa em indicar –, e nem ficará sabendo, podemos supor, a história que sobre o período foi feita.

Essa visão da história, que, como estamos tentando demonstrar, é tematizada no romance, põe em questão a distinção entre o papel do historiador e do romancista. Em relação a esse aspecto, é fundamental um trecho em que, comentando que a história não consegue explicar o fato de que, perdida a batalha de S. Mamede, D. Teresa e o conde de Trava não tenham retornado, como seria habitual, para o Castelo de Guimarães, mas sim para o castelo de Lanhoso, o narrador diz:

Mas porque não procuraram os vencidos amparar-se dentro dos fortes muros e torres do Castelo de Guimarães? É o que não nos diz a história. Pouco importa: di-lo-emos nós. A história não conheceu Dom Bibas, e Dom Bibas, muito em segredo o revelamos aqui aos leitores, nos oferece a chave deste mistério. O bobo tornara impossível semelhante arbítrio, e porventura ajudara a descer do céu a benção que cobriu as armas de Afonso Henriques.

O tom irônico que o narrador aqui assume, parece-nos, apenas encobre o que todo o romance parece indicar: a recuperação do passado, feita de fragmentos, diferentemente do que considerava Aristóteles, não recupera o que aconteceu, mas apenas a face visível, e por vezes falsa, do que ocorreu. Apenas através da imaginação é que seria possível recuperar aquilo que, sem ela, estaria perdido nos *desvãos* da história recuperável.

<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Romance%20Hist%C3%B3rico%20-%20Recorr%C3%A2ncias%20e%20Transforma%C3%A7%C3%B5es.pdf>

Aristóteles, *Poética*

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (...). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.

*Lendas e narrativas*

Obras já publicadas, em sua maior parte, no *Panorama* entre 1838 e 1843, e em volume em 1851. São 9 contos, 7 deles históricos e 2 contemporâneos (entre parênteses o ano da primeira publicação):

O Alcaide de Santarém : 950-61	(1845, <i>Jornal Universal</i> )
Arras por foro d'Espanha : 1371-2	(1841)
O Castelo de Faria : 1373	(1838)
A Abóbada : 1401	(1839)
A Dama Pé-de-cabra : século XI	(1843)
O Bispo Negro : 1130	(Originalmente “O Cronista” de 1839, foi modificado em 1851)
A morte do Lidador: 1170	(1839)
O Pároco da Aldeia : 1825	(1851)
<i>De Jersey a Granville</i> : 1831	(1851)

Em todos os contos históricos, com a exceção de 2, a postura narrativa é a mesma, são narrados como se história fosse.

“O castelo de Faria”:

“Mas esta glória, não há hoje aí uma única pedra que a ateste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o mármore.”.

“Arras por foro d’Espanha”:

Fernão Lopes dá a entender (Cr. De D. João I, P. 1<sup>a</sup>, c.44) que a denominação de *arraia-miúda* se começara a dar aos populares no princípio da revolta a favor do Mestre de Avis [ ](...); mas esse título chocarreiro havia tomado para si o povo miúdo, já dantes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Cancel. De D. Dinis, l. 3<sup>o</sup>. Das *Doações*, fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavaleiros, juizes e concelho de Bragança e *toda a arraia-miúda*.

Em outro momento, nesse mesmo conto, quando surge na narrativa Diogo Lopes de Pacheco, temos um longa nota, em que é dito que Fernão Lopes afirmara que Pacheco só voltara a Portugal em 1372, mas que isso era inexato, e, para comprovar esse ponto de vista, são citadas algumas fontes:

Os únicos dois que fogem desta postura são “A dama pé-de-cabra” e “O bispo negro”

“O bispo negro”

Duas vozes: narrador de tradições X historiador, que separa o que é *história* daquilo que é *lenda*. A primeira é responsável pela narrativa do conto, a segunda aparece principalmente nas notas.

No primeiro capítulo, quando o narrador se refere à catedral coimbrã, considerando que não mais se sabia, no décimo primeiro século, se seus edificadores “eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes”, temos uma nota na qual é dito: “A sé velha de Coimbra é, no todo ou na máxima parte, uma edificação dos fins do século duodécimo; mas aceitamos aqui a tradição que lhe atribui uma remotíssima antiguidade”.

No segundo afirma:

Aproximava-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a história se contenta com o triste espetáculo de um filho condenado ao exílio àquela que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o fato; a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria.

Quando, no capítulo IV. é citado D. Zoleima, um personagem central no conto, pois é ele o bispo negro. em nota afirma: “É notável coincidência a seguinte: em 1088 *um presbítero, por nome Zoleima* fez uma doação à sé de Coimbra”

No fim, em longa nota, é dito: “A lenda precedente é tirada das crônicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia, que teria procedido mais judiciosamente em deixá-las no pó das bibliotecas, onde haviam jazido em paz por quase três séculos.”, e que essa “tradição é falsa a todas as luzes”

Moodle: “O bispo negro” + notas

Temos assim um conto em que, em certo sentido, o *historiador* critica o *romancista*, assumindo uma postura inversa à existente em *O bobo*.

“A dama pé-de-cabra”

O narrador simula oralidade

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia. E não me digam no fim: - “não pode ser.”- Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.

Esta postura deve-se em parte ao fato do conto ser construído a partir de uma lenda:

Este dom Diego Lopez era mui bom monteiro, e estando um dia em sua armada atendendo quando veria o porco, ouviu cantar muita alta voz uma mulher em cima de uma penha. E ele foi pera lá e viu ser mui formosa e mui bem-vestida, e namorou-se logo dela mui fortemente, e perguntou-lhe quem era. E ela lhe disse que era uma mulher de muito alto linhagem. E ele lhe disse que pois era mulher de alta linhagem que casaria com ela se ela quisesse, pois ele era senhor daquela terra toda. E ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse. E ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui formosa e mui bem-feita em todo seu corpo, salvando que havia um pé forçado como pé de cabra. E viveram gram tempo, e tiveram dous filhos, e um houve nome Enheguez Guerra e a outra foi muher e houve nome de dona -.

E quando comiam dom Diego Lopez e sua mulher, sentava ele a par de seu o filho, e ela sentava a par de sua filha da outra parte. E um dia, foi ele a seu monte e matou um porco mui grande e trouxe-o pera sua casa e o pôs ante si e ia comendo com sua mulher e com seus filhos. E lançarão um osso da mesa, e vieram a pelejar um alão e uma podenga sobre ele em tal maneira que a podenga travou ao alão na garganta e matou-o. E dom Diego Lopez, quando esto viu, teve-o por milagre, e sinou-se e disse:

- “Santa Maria val, quem nunca vi tal cousa!” E a mulher, quando o viu assim sinar, lançou mão na filha e no filho, e dom Diego Lopez travou do filho e não lho quis leixar levar. E ela fugiu com a filha por uma fresta do paço, e foi-se para as montanhas, em guisa que a não viram mais, nem a filha.

Desaparece a oposição lenda/história, como ocorreu em “O bispo negro”.

Maria Lúcia dal Farra, analisando a lenda que deu origem ao conto, considera

Não se persignar é recusa direta do cristianismo, é neutralização do sacrifício sofrido pelo Cristo, é desprezo da cruz - o que desloca Dom Diego à súbita condição de pagão, e a ela, que o exigiu, a um estado semelhante ao da serpente bíblica, que solicita a Adão, por meio de sua interposta pessoa Eva, o ato insubordinador de desobediência à lei divina.

(...)

A fórmula pronunciada por Dom Diego Lopes e que, por sua vez, espanta a Dama é: “Santa Maria val, quem vio nunca tal cousa!” Maria, a mãe de Deus, o modelo de todas as virtudes, da virgindade, da humildade, da resignação, da paciência, da conformação – é aquela que possui qualidades que, portanto, se chocam com as da Dama. Sem dúvida, a lenda da “Dama Pé-de-Cabra” trata, sim, da fundação de uma legião de mulheres belíssimas e insinuantes, fadadas ao crime da sedução e da artimanha, de uma linhagem, portanto, matrilinear, que encontra no modelo feminino da “Santa Maria” o seu oposto. Maria, a Mãe de Deus, pisa com o pé a serpente, naquilo que esta comporta de desafio às leis do Senhor, de espaço do tenebroso e do oculto, do desenfreado e do imaginário, daquilo que é propenso à desordem e à ausência de controle. Maria pisa, pois, com o pé - que não é forçado... - a Dama Pé-de-Cabra, esta, a intermediária entre o homem e o demônio, esta que é a portadora do sexo e do pecado – a tentadora.

Ela notará, no fim da análise, que a Dama simboliza as mulheres insubmissas, ligadas à natureza, que não se submetem nem ao patriarcalismo nem ao Cristianismo, que o representa e reforça.

### Resumo de Carla Carvalho Alves

A trama (,,) inicia-se com a união entre D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia, e certa dama que ele encontrara em uma penha, localizada na fronteira de suas terras. Depois que tiveram dois filhos, D. Inigo Guerra e D. Sol, confirma-se parte de um mistério que vinha sendo prenunciado: a natureza assombrosa e diabólica da mulher de D. Diogo. Certo dia, ao ver o seu cachorro ser morto pela cadela, que pertencia a sua esposa, o senhor de Biscaia quebra o juramento feito a ela, de nunca se benzer, e decorre então a seguinte cena:

Ui! – gritou sua mulher, como se a houveram queimado. O barão olhou para ela: viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabelos eriçados:

E ia-se alevantando, alevantando ao ar, com a pobre D. Sol sobraçada debaixo do braço esquerdo: o direito estendia-o por cima da mesa para seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquele braço crescia, alongando-se para o mesquinho, que, de medo, não ousava bulir nem falar.

E a mão da dama era preta e luzidia, como o pelo da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras. (HERCULANO, 1987, p.119)

[Ela pega a filha, tenta pegar o filho, mas o pai a impede]

Passa-se, assim, para a segunda trova, na qual se fica sabendo que D. Diogo Lopes está agora cativo dos mouros e que seu filho, já adulto, quer salvá-lo. Aconselhando-se sobre o assunto com o pajem, Brearte, D. Inigo acaba contando-lhe outra história, referente à origem de sua mãe, a Dama Pé-de-Cabra. Narra-se, assim, a lenda do Conde Argimiro, o Negro, e Astrigildo Alvo. Argimiro, que ficara dois anos em Toledo, lutando nas guerras do Rei de Wamba, ao voltar pra casa descobre o adultério da condessa, sua esposa, assassinando-a, por este motivo, junto com o seu amante Astrigildo.

O episódio é descrito com elementos fantásticos e representa, na verdade, a punição à quebra de uma promessa feita por Argimiro ao seu pai, de nunca matar “fera em cama e com cria” (HERCULANO, 1987, p.124). A mulher morta em estado de adultério seria, assim, a própria Dama que, centenas de anos depois, D. Diogo viria a encontrar nas penhas. Seu amante, Astrigildo, transformado em um onagro, será também retratado.

(...)

D. Inigo Guerra, aconselhado por Brearte, decide procurar sua mãe para pedir que o auxilie a salvar D. Diogo do cativeiro mouro em Toledo. Assim, em cenas permeadas por fatos sobrenaturais, a Dama e um certo onagro, que seria a representação de Astrigildo, ajudam a resgatar o pai de D. Inigo. Ao fim da narrativa, fala-se da proximidade estabelecida entre D. Inigo Guerra e sua mãe, a Dama Pé-de-Cabra, insinuando-se, também, um pacto com belzebu e a existência de vários outros mistérios ocorridos no castelo depois de sua morte, que não foram retratados na narrativa. “D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia a missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou na igreja, nunca mais rezou, e não fazia senão ir à serra caçar. Quando tinha de partir para as guerras de Leão, viam-no subir à montanha armado de todas as peças e voltar de lá montado num agigantado ónagro. E o seu nome retumbou em toda a Espanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum encontro foi ferido nem derribado. Diziam à boca pequena em Nustúrio que o ilustre barão tinha pacto com Belzebu. Olhem que era grande milagre! Meio precito era ele por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma. (HERCULANO, 1987, P.145)

Uma diferença evidente entre a lenda e o conto é a sua estrutura narrativa. Não vou aqui analisá-la, mas ela merece ser indicada.

História de D. Diogo Lopes – D. Inigo conta a Brearte a história de sua mãe, que foi contada por um abade a seu pai, que a conhecia da última folha de um livro de mais de um século – Retorno ao período de D. Inigo – as interfaces entre oral e escrito, já presentes na introdução.

Diferenças entre a lenda e o conto, Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

As razões que levaram Alexandre Herculano a introduzir o adultério em sua versão, que não existe na fábula original, provavelmente se deve à necessidade de ajustar o texto à moral familiar patriarcal e cristã (...). Já o detalhe do pé-de-cabra, comum às duas versões, pode gerar explicações distintas. Se na versão primitiva revela a ligação da mulher à cultura pagã, na versão romântica pode revelar a sua aliança com o demônio, o que, em última análise, exprime a culpa do feminino, seja como bode/cabra expiatório, seja como a descendente da pecadora Eva que Deus marcou para não perder de vista no Juízo Final.

Concordo que a presença do adultério como uma marca que traz a lenda original para os valores do século XIX, mas acho que o conto, de certa forma, nega o ideário cristão, no mínimo diluindo a grande diferença que deveria existir entre Deus e o Diabo.

De início devemos notar que se o pai impede que a Dama leve com ela D. Inigo, isto, no fim do conto, acaba por ocorrer. É com ela que ele fica, voltando constantes vezes ao monte, sempre que há uma guerra.

Se pensarmos nos motivos que provocam as ações do conto, podemos perceber que todos os movimentos se devem a pessoas que não cumpriram as suas promessas. Se organizarmos a narrativa cronologicamente:

Argimiro o negro não segue o que havia prometido a seu pai, ou seja “que nunca mates fera em cama e com cria, seja urso, javali ou veado”

Isto acaba por provocar o adultério de sua mulher com Astrigildo o Alvo, que, devemos notar, nada tinha de puro, como o nome poderia indicar

Mais de cinco [pastoras] tinha enganado com palavras; mais de dez comprado com ouro; mais de outras dez, como nobre e senhor que era, brutalmente violado.

No presente da narrativa foi por D. Diogo Lopes não ter cumprido o que havia prometido à sua mulher – com quem vivia uma vida normal – que levou à fuga dela com sua filha.

Assim parece haver na obra uma certa imprecisão nos limites do certo e do errado: a dama, moralmente danada pelo duplo crime de marido e amante, se transforma em alma penada, mas casa-se segunda vez, e, se nada ocorresse, podemos supor que levaria um casamento normal.

Se pensarmos nestas imprecisões, podemos avançar um pouco mais:

## Capítulo VI

D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou na igreja, nunca mais rezou, e não fazia senão ir à serra caçar. Quando tinha de partir para as guerras de Leão, viam-no subir à montanha armado de todas as peças e voltar de lá montado num agigantado onagro.

E o seu nome retumbou em toda a Espanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum recontro foi ferido nem derribado. Diziam à boca pequena em Nustúrio que o ilustre barão tinha pacto com Belzebu. Olhem que era grande milagre! Meio precito era ele por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma.

É um precito, apoiado por uma alma danada, que vai lutar contra os infiéis. Como se o pacto com o Demônio fosse um caminho possível para a vitória de Deus.

Também neste conto, como em *O bobo*, podemos pensar a verdadeira compreensão da história é impossível, aqui pois tudo está recoberto por névoas. As vitórias de D. Inigo eram fruto de uma ação do Diabo?